Aula 8

O JAPÃO E SUA IMPORTÂNCIA COMO PAÍS DESENVOLVIDO (CENTRAL) NO MUNDO ASIÁTICO

META

Entender qual a importância e o papel do Japão no contexto do mundo asiático e no mundo capitalista contemporâneo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender qual a importância e o papel desempenhado pelo Japão, em primeiro lugar, para o mundo asiático e, posteriormente para o mundo desenvolvido capitalista; identificar os fatores que fizeram deste país uma potência para o restante do mundo capitalista.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 1 – A formação histórico-estrutural dos Países Centrais e a relação com a evolução do capitalismo.

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Genésio José dos Santos

INTRODUÇÃO

Nesta aula faremos um passeio pela história que fez do Japão a principal potência econômica do mundo asiático e uma das mais significativas do mundo capitalista na contemporaneidade. Atentem para os fatos e as características geográficas, políticas, econômicas, sociais e culturais que compõem este país e que fizerem deste a potência que é hoje.

Somos sabedores de que o Japão emergiu como potência nas décadas finais do século XIX, sob o influxo da industrialização e do expansionismo marítimo. Segundo Scalzaretto & Magnoli (1996) a Segunda Guerra Mundial assinalou o auge e a decomposição do poder imperial japonês, destroçado pelo confronto com os Estados Unidos. O Japão contemporâneo nasceu da ocupação norte-americana de 1945 a 1951. Reformado e ocidentalizado, foi envolvido na arquitetura mundial da Guerra Fria, tornando-se um dique contra a expansão da influência soviética no leste asiático.

Os referidos autores continuam afirmando que durante o meio século de Guerra Fria, o Japão harmonizou dois papéis paradoxais: foi, ao mesmo tempo, um subordinado geopolítico e um concorrente econômico dos Estados Unidos. No plano geopolítico, renunciou à constituição de forças armadas próprias, enclausurando-se sob o "guarda-chuva" nuclear americano. No plano econômico, modernizou-se vertiginosamente, tornando-se uma potência industrial e comercial.

Entendemos que o fim da Guerra Fria constitui uma encruzilhada na vida japonesa de uma maneira mais geral. Livre das ameaças soviética e chinesa (China - aliada da União Soviética, neste momento), pode evoluir para uma posição de independência geopolítica diante dos Estados Unidos. Entretanto, esse caminho, complexo e cheio de armadilhas, envolve a tentação do rearmamento e o risco do isolamento numa Ásia que guarda as lembranças amargas do imperialismo nipônico (=típico do Japão) (SCALZARETO & MAGNOLI, 1996).

Um outro caminho, mais prudente, é a afirmação do poderio econômico e a renúncia voluntária a um papel geopolítico de destaque. Essa via envolve a legitimação do papel de liderança sobre a zona econômica da Bacia do Pacífico, superando as desconfianças dos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial, estabilizando as relações com a China Popular e resolvendo antigas disputas com a Rússia.

Nessa disputa com a Rússia, o grande incidente diplomático do Japão, está relacionado a disputa pela posse do arquipélago formado pelas Ilhas Kurilas, anexado por Stálin ao final da Segunda Guerra Mundial. Essa disputa gerou um grande nó que impedia o Japão a lançar-se em projetos ambiciosos de exploração e industrialização da Sibéria.

Refletindo sobre essas condições e sobre todos os fatos que cercam esta presença significativa do Japão no mundo asiático e no mundo capitalista contemporâneo é que vamos estudar, nesta aula, as principais características do referido país na contemporaneidade.

Como é comum na Geografia, necessário se faz, neste momento fazermos uma localização geográfica do Japão, para compreendermos também, porque o mesmo se tornou tão importante, do ponto de vista das estratégias capitalistas dos Estados Unidos, no mundo asiático (ver mapa).

O Japão (em japonês: Nihon ou Nippon; oficialmente: Nippon-koku ou Nihon koku) é um país insular da Ásia Oriental. Localizado no Oceano Pacífico, a leste do Mar do Japão, da República Popular da China, da Coreia do Norte, da Coreia do Sul e da Rússia, se estendendo do Mar de Okhotsk, no norte, ao Mar da China Oriental e Taiwan, ao sul. Os caracteres que compõem seu nome significam "origem do Sol", razão pela qual o Japão é às vezes identificado como a "Terra do Sol Nascente".

O país é um arquipélago de 6.852 ilhas, cujas quatro maiores são Honshu, Hokkaido, Kyushu e Shikoku, representando em conjunto 97% da área terrestre nacional. A maior parte das ilhas é montanhosa, com muitos vulcões como, por exemplo, o pico mais alto japonês, o Monte Fuji. O Japão possui a décima maior população do mundo, com cerca de 128 milhões de habitantes. A Região Metropolitana de Tóquio, que inclui a capital (Tóquio) e várias prefeituras adjacentes, é a maior área metropolitana do mundo, com mais de 30 milhões de habitantes.

Para melhor entendimento do conteúdo que deve ser estudado nesta aula colocaremos em evidência alguns ítens importantes sobre o país em pauta. É uma forma de organizar didaticamente as idéias objetivadas. Para este fim consideraremos o pensamento de Ieda SILVEIRA (2003) como fundante e primordial no processo de reflexão e análise.

Figura: Mapa de localização do Japão no Continente Asiático.
(Fonte: curtindoojapao.com).

O FIM DO ISOLACIONISMO DO JAPÃO:

Os japoneses viveram mais de 250 anos fechados para o mundo ocidental e foi somente no ano de 1850 que restabeleceram relações comerciais com os holandeses, os russos e os ingleses. Mas a grande mudança de fato só ocorreu no ano de 1853, quando o comodoro norte-americano MATTTHEW C. PERRY entrou na Baía de Tóquio pela primeira vez, desencadeando um ano depois o TRATADO DE KANAGAWA, que abriu definitivamente os portos japoneses, acabando com seu isolacionismo. Era o início da integração japonesa ao mercado mundial e, par muitos, o início da história moderna do Japão (SILVEIRA, 2003).

É necessário destacar que, ao contrário de seus vizinhos, principalmente a China, a abertura ao mercado externo não significou o domínio colonial e tampouco a partilha do Japão pelas potências do mundo ocidental.

Apesar do fim do isolacionismo, que havia mantido o Japão distante do colonialismo europeu, os japoneses continuaram preservando seus traços culturais e seu fortíssimo sentimento de identidade nacional.

O PERÍODO DA MODERNIZAÇÃO E DO EXPANSIONISMO JAPONÊS: A ERA MEIJI:

Foi na chamada Era Meiji (1868-1912) que o Japão ampliou a abertura ao espaço mundial, ingressando definitivamente no ciclo de reprodução do capital internacional. Esse período foi marcado pelo grande e intenso desenvolvimento japonês, conservando forte caráter independente e nacional, apesar do maior contato com os países vizinhos e com o mundo ocidental. Durante esse período o país passou por profundas transformações, tais como:

a) NA ESFERA POLÍTICO ADMINISTRATIVA:

Sob o comando do Imperador MUTSUHITO, foi acentuada a tendência de centralização do poder, antes já ligada à figura do imperador e agora marcada por uma grande concentração da administração do Estado. Isso resultou em notável perda de poder dos xoguns que eram senhores de terra com posição político-militar de destaque desde o século XII. Outras mudanças nesta área foram à transferência da capital – de KIOTO para EDO (depois rebatizada de TÓQUIO) – e a promulgação de uma Constituição, que consagrou a monarquia hereditária como regime de governo no país.

b) NA ESFERA ECONÔMICA:

A abertura ao comércio externo significou aquisição de tecnologia estrangeira, o que facilitou a modernização do país. Mesmo assim, devemos destacar novamente a autonomia mantida pelo Japão no processo de inserção mundial e desenvolvimento interno do capitalismo, porque seu sucesso se deveu a essa independência e a outros elementos típicos do país, como: o

nacionalismo, sentimento bastante integrador do povo japonês; forte ação centralizadora do Estado, aproximando o Japão do modelo de desenvolvimento asiático; o confucionismo, introduzindo no Japão, por influência chinesa, nos séculos V e VI, juntamente com o budismo, a visão antropocósmica do mundo, considerada ainda hoje positiva para o crescimento econômico em toda a região, pois cria no povo japonês as seguintes características: a autodisciplina, a noção do dever, a perseverança, o comedimento, a cooperação, o consenso e a harmonia. Estas são características da cultura política e econômica do confucionismo e tornaram-se aspectos importantes do chamado "jeito asiático".

c) NA ESFERA MILITAR:

Nesse período o império japonês começou a estruturar seu poderio militar com a ajuda de oficiais estrangeiros. Para organizar seu exército, solicitou o trabalho de oficiais franceses; para organizar a marinha, de almirantes ingleses.

d) NA ESFERA GEOPOLÍTICA:

O fortalecimento do poder militar permitiu ao Japão consolidar sua área de influência geopolítica na Ásia a partir de meados dos anos 1870, quando o país iniciou uma série de campanhas militares contra a China, a Coréia e a Rússia:

- Entre 1873 e 1879, o Japão ocupou as ilhas de BONIN e de OKINAWA;
- Após 1894-1895 (guerra entre China e Japão), com a vitória sobre a China, o império japonês conseguiu acesso ao ferro da Manchúria, tomou posse da ilha de Formosa – TAIWAN (que durou até 1945) – e estabeleceu um protetorado sobre a Coréia;
- Após 1904-1905, com a vitória na guerra contra a Rússia, o Japão garantiu o controle sobre a Manchúria e a Coréia, contestado pelos russos. A partir de então, Estados Unidos, Reino Unido e Rússia reconheceram os direitos japoneses sobre a Coréia, cuja anexação durou de 1910 a 1945.

Após termos analisado estas características, entendemos que as ações políticas, militares e econômicas do Japão no referido período devem ser compreendidas como uma tentativa de desenvolver o país e, ao mesmo tempo, de projetá-lo em escala regional e mundial.

MOMENTO DE ÁPICE E DECADÊNCIA DO EXPANSIONISMO TERRITORIAL JAPONÊS: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Alguns dos antecedentes da Segunda Guerra Mundial na Ásia podem ser avaliados justamente pelas ações da maior potência militar do Oriente. Em 1931 o Japão invadiu a Manchúria, estabelecendo ali o Estado do Manchuoko, cujo testa-de-ferro foi PU YI, o último imperador chinês. Ao

longo dos anos 1930 outras porções do território chinês foram ocupadas. Foi após 1937 que o expansionismo adquiriu maior ímpeto. É importante contextualizar que o Japão, nesse momento, já havia se alinhado com outras potências expansionistas em escala global. Em 1936, por exemplo, o país assinou com a Alemanha o Pacto Anti-Komintern, uma aliança contra o comunismo.

O Komintern era a organização que reunia os principais partidos comunistas do mundo, comandada por Moscou e tinha como objetivo de expandir a revolução para o mundo inteiro.

Em 1937 foi a vez de a Itália aliar-se ao Japão e à Alemanha, formando o que seria chamado, durante a Segunda Guerra Mundial, de Eixo Berlim-Roma-Tóquio. Portanto, Japão-Alemanha-Itália compunham os países do Eixo, que tinha como principais opositores os chamados aliados: França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética. Lembramos que foi uma ação militar japonesa que levou os Estados Unidos a ingressar na guerra: em dezembro de 1941, o Japão atacou a base norte-americana de PEARL HARBOR, no Havaí. Na verdade, esse ataque marcou a entrada formal do Japão na Segunda Guerra Mundial. Embora fosse um dos Estados membros do Eixo, o país permaneceu fora do conflito durante os dois primeiros anos.

Até 1941, a estratégia japonesa consistiu em pressionar o governo norte-americano a reconhecer a supremacia nipônica na Ásia e em manter como aliados os países da Ásia-Pacífico – fornecedores de matérias-primas como petróleo, borracha e minérios – ainda que esses temessem uma invasão direta. Mas a persistente recusa norte-americana em aceitar a supremacia japonesa na região juntamente com a pressão diplomática alemã para que Tóquio entrasse na guerra levaram o Japão a iniciar a forte ofensiva militar.

Essa supremacia nunca foi reconhecida pelos Estados Unidos. E, as bombas atiradas no território japonês provam isso. As bombas atiradas nas cidades japonesas serviram para instalar e consolidar o equilíbrio do terror a que, Estados Unidos e União Soviética, submeteram o mundo entre as décadas de 1940 e 1990 (Guerra Fria). Os Estados Unidos queriam provar ao mundo que eram capazes de dominar e oprimir qualquer nação da forma que achasse melhor. A explosão das bombas serviu para encerrar dramaticamente o maior conflito da história da humanidade (Segunda Guerra Mundial).

Em 6 de agosto de 1945, os Estados Unidos lançaram a primeira bomba atômica, sobre a cidade japonesa de HIROSHIMA, localizada na Ilha de HONSHU, a maior do país. Três dias depois, em 9 de agosto, uma segunda bomba arrasou a Cidade de NAGASAKI, na Ilha de KYUSHU, no extremo sul do Japão. Na realidade, a decisão do ataque nuclear havia sido tomada muito antes, em setembro de 1944. Entre os motivos, podemos apontar os seguintes:

a) Razão estratégica e geopolítica: obrigar o Japão a se render antes de a União Soviética entrar diretamente na guerra contra os japoneses, favorecendo assim a hegemonia geopolítica dos Estados Unidos no fim da guerra. Afinal, ficaria comprovada a superioridade militar dos Estados Unidos ante o líder comunista.

b) Razão técnica: checar os efeitos reais que uma bomba nuclear poderia causar. Nesse aspecto, a cidade de HIROSHIMA apresentava dimensão e topografia adequadas para se testar a capacidade de destruição de uma bomba atômica e, ao mesmo tempo, possibilitava ver seus efeitos destrutivos posteriores.

Além disso, após impor a rendição ao Japão, anunciada pelo Imperador HIROITO (1901-1989) em 19 de agosto de 1945, os norte-americanos puderam ditar os rumos do país em escala nacional e regional:
a) OCUPAÇÃO: os Estados Unidos se instalaram no Japão até 1952 e, em 1954, os japoneses assinaram um tratado que permitia a instalação de bases militares norte-americanas em seu território.
b) SUBJUGAÇÃO: os norte-americanos impuseram ao país uma nova Constituição que determinava, entre outros, a impossibilidade de criar um novo exército. No artigo nono da Constituição Japonesa, promulgada em 1947, consta que o país está impedido de manter forças militares ofensivas.

Iniciava-se, portanto, o projeto de transformar o Japão de inimigo em aliado. Diante da ordem internacional bipolar instalada com a guerra fria, o Japão, a Coréia do Sul e Taiwan seriam aliados dos Estados Unidos, com a missão de barrar o avanço do comunismo no Continente Asiático.

A RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO E O ENTORNO REGIONAL:

Os principais fatores que fizeram o Japão se reerguer após a humilhante derrota na Segunda Guerra Mundial:
a) FATORES GEOPOLÍTICOS: com uma posição estratégica no cenário asiático, o Japão foi um parceiro fundamental dos Estados Unidos para conter o avanço do comunismo na região, principalmente após a Revolução Chinesa de 1949. As crises subseqüentes na Coréia (1950-1953) e no Vietnã (1964-1973) serviram para aprofundar a aliança estratégica central Estados Unidos-Japão.
b) FATORES ECONÔMICOS: são vários os fatores de ordem econômica, entre eles estão:
b.1 – Limitação da militarização: a proibição de investir em forças militares de ataque, imposta pelos Estados Unidos, acabou levando o Estado japonês a concentrar seus recursos econômicos na melhoria da infra-estrutura do país e na aquisição maciça de tecnologia estrangeira.
b.2 – Investimentos norte-americanos: para fortalecer sua relação com o Japão, os Estados Unidos passaram a investir pesadamente no país, principalmente no desenvolvimento industrial.
b.3 – Exportações: com um mercado interno reduzido e empobrecido, o Japão apostou nas exportações, principalmente para o mercado norte-americano, a fim de impulsionar seu crescimento industrial.

b.4 – Ação centralizadora do Estado e desenvolvimento da infra-estrutural: é importante enfatizar que muitas das bases sólidas para a reconstrução japonesa já haviam sido lançadas na Era Meiji.

c) FATORES CULTURAIS: permanência de um forte nacionalismo e influência dos valores confucianos.

Além desses fatores, foram realizadas profundas reformas institucionais no país, também sob influência norte-americana:

1. Democratização das instituições políticas;
2. Ampla reforma agrária, que contribuiu para aumentar o mercado consumidor interno e para articular a produção rural às demandas da indústria;
3. Reforma educacional, além do aumento dos investimentos em educação, ciência e tecnologia.

Vale a pena salientar que, entre 1953 e 1973, o Japão apresentou taxas de crescimento que atingiram quase 10%. Ao longo dos anos 1960, o país acumulou crescentes superávits em sua balança comercial, sendo considerado, no fim desse período, a segunda economia do mundo capitalista, depois dos Estados Unidos. Essa fase de crescimento econômico acelerado no Japão foi denominada de milagre econômico, que acabou influenciando as economias vizinhas, que passaram a se beneficiar não apenas de investimentos norte-americanos, mas também do capital produtivo japonês. Foi o caso principalmente dos tigres da primeira geração – Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura – todos com uma posição estratégica central para conter o comunismo no leste asiático.

Por que são denominados tigres asiáticos? A imagem do tigre está associada a poder, força, audácia e vitalidade, principalmente no leste asiático. Daí a analogia com as economias que apresentaram rápido crescimento econômico, ou seja, que atravessaram a fase do chamado milagre asiático nas últimas décadas.

Fazendo uma retrospectiva da ação dos tigres asiáticos percebemos que nos anos 1960, as primeiras economias asiáticas a apresentar sucessivos aumentos de PIB (Produto Interno Bruto) foram Taiwan, Hong Kong, Coréia do Sul e Cingapura. A partir da década de 1970, começaram a despontar na região Tailândia, Indonésia e Malásia que, nos anos de 1980, já seriam conhecidos mundialmente como tigres asiáticos, ao lado dos quatro países citados anteriormente. Nos anos 1990, foi a vez de Filipinas e Vietnã apresentarem taxas de crescimento econômico. O Vietnã, por exemplo, o único regime socialista do grupo, apresentou uma taxa anual de crescimento do PIB em torno de 8%.

Além das expressivas taxas de crescimento econômico, o desenvolvimento também foi possível graças à melhor distribuição de renda ocasionada pela ampla geração de empregos. A Tailândia, por exemplo, acabou com pobreza absoluta. Na Indonésia, a proporção de pobres caiu de 64% para 11%. Na Malásia, a queda foi de 37% para 5%. Já a expectativa de vida média, no conjunto desses países, subiu de 55 para mais de 70 anos.

Conclui-se, portanto, que a chave para compreender a rápida industrialização dos tigres e seu papel de destaque em escala regional é sua relação com o Japão.

CONCLUSÃO

A reconstrução industrial japonesa do pós-guerra, como vimos, foi alavancada pela incorporação de tecnologias modernas desenvolvidas no exterior, especialmente nos Estados Unidos. Contudo, desde a década de 1970, o país atingiu um patamar industrial mais elevado, que o capacitou a criar tecnologias avançadas e competir com norte-americanos e europeus nos principais domínios da alta tecnologia. Atualmente o Japão ostenta posição de liderança na produção de robôs industriais em ramos da microeletrônica e de equipamentos audiovisuais.

RESUMO

Para resumir e completar nossos estudos, leia os principais fatores que explicam o grande desenvolvimento econômico do Japão e do seu entorno:
a) A agressividade nas exportações – o Japão, assim como os demais tigres, teve sua industrialização voltada principalmente para a exportação, ao contrário das nações latino-americanas, onde a expansão industrial ocorreu para substituir importações e abastecer o mercado interno;
b) A coexistência de uma economia de mercado com intervencionismo estatal – a expansão industrial no Japão e demais tigres se deu, inicialmente, sob regimes ditatoriais, com exceção de Hong Kong. Não havia liberdade de expressão nem eleições livres. O Estado ditatorial conduziu, rigidamente, as reformas econômicas necessárias à industrialização, beneficiando determinados ramos econômicos e setores sociais;
c) Os investimentos externos combinados com um grande estímulo e proteção às empresas nacionais e à poupança interna – o surgimento de empresas nacionais no país resultou da associação entre o governo e o capital nacional privado;
d) Mão-de-obra barata e muitíssimo disciplinada – a força de trabalho com essas características e a existência de organizações sindicais frágeis permitiram a exploração de jornadas de trabalho elevadas, férias reduzidas e poucos benefícios sociais;
e) A qualificação dos trabalhadores;
f) A ética confuciana aplicada às relações de trabalho;
g) A posição geopolítica estratégica.

ATIVIDADES

É possível dizer que o desenvolvimento econômico do Japão e dos Tigres Asiáticos envolveu estratégias articuladas de nível nacional, regional e global. Faça uma análise conceitual das escalas apresentadas.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É muito importante o entendimento da importância do Japão no continente asiático, assim como, sua condição de potência econômica do mundo desenvolvido. É um país central, não somente pela posição estratégica no globo terrestre, mas também pela sua condição de riqueza gerada pela poupança gerada pelo trabalho do povo japonês.

PRÓXIMA AULA

O Japão e seu entorno regional: perspectivas futuras.

AUTOAVALIAÇÃO

Até o presente momento tivemos a oportunidade estudar as características e os fatores que fundamentam a divisão do mundo em países centrais e periféricos ou desenvolvidos e subdesenvolvidos, por isso faz-se necessário alguns questionamentos:

1. O que levou o sistema capitalista dividir o mundo dessa forma?
2. Será que é necessária essa divisão?
3. Como essa forma de dividir o mundo influencia diretamente nas relações entre nações, povos e culturas distintas?
4. Será que consigo dimensionar estas questões na minha relação diária com as demais pessoas da minha primeira convivência?

REFERÊNCIAS

CASTELLIS, Manuel. A sociedade em rede, São Paulo: paz e Terra, 1999.

___________. Fim de Milênio – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 3, 3ª. edição, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PAIM, A.. O Liberalismo Contemporâneo, 3ª. edição, Edições Humanidades, 2007.

SCALZARETTO, Reinaldo; MAGNOLI, Demetrio. Atlas: Geopolítica, São Paulo: Scipione, 1996.

SILVEIRA, Ieda. A geografia da Gente, vol. 4, São Paulo: Ática, 2003.

Site para consulta: www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/hist_6.html.